

## OPINIÃO

Médico diz que situação de Wando é muito grave. Página 3.

## OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE  
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL  
DE JORNALISPresidente  
**Lucidéa Batista Maiorana**Presidente Executivo  
**Romulo Maiorana Jr.**Diretor Jurídico  
**Ronaldo Maiorana**  
(OAB-PA 8667)Diretora Administrativa  
**Rosângela Maiorana Kzan**Diretora Comercial  
**Rosemary Maiorana**Diretor Industrial  
**João Pojucam de Moraes Filho**Diretor Corporativo de Jornalismo  
**Walmir Botelho D'Oliveira**Diretor de Novos Negócios  
**Ribamar Gomes**Diretor de Marketing  
**Guarany Júnior**Diretores  
**José Edson Salame**  
**José Luiz Sá Pereira**Editor-Chefe  
**Lázaro Moraes****O LIBERAL** é editado por  
**Delta Publicidade S/A**  
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.  
Inscrição Estadual: Isenta.  
Municipal: 032.632-5**Administração, Redação,  
Centro Tecnológico Gráfico,  
Publicidade**  
Av. Romulo Maiorana, 2473.  
CEP: 66.093-000.  
Telefone: 3216-1000.  
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.  
Fax: (091) 3216-1143.  
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados  
são livre manifestação do pensamento de  
seus autores e não representam a opinião  
do jornal.**Sucursal Centro/  
Centro-Oeste**Gerente Executiva:  
**Silvana Scórsin**► **Brasília - DF**  
SRTVN Q.701 CONJ. C.  
Ed. Centro Empresarial Norte,  
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.  
Fone/fax: (61) 3328-9394/3328-9396.  
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/  
Sul/Nordeste**Diretor:  
**Carlos Namur**► **São Paulo - SP**  
Edifício Iguatemi Office Building  
Rua: Iguatemi, 192  
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010  
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453  
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br► **Rio de Janeiro - RJ**  
Edifício Dijon Business Center.  
Rua Farnes de Amoedo, 56 - Cj. 506 e  
507 - Ipanema. Cep. 22420.020 - Rio  
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.  
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.► **Dias úteis R\$ 2,00**  
► **Domingo R\$ 4,00****Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xingú, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.► **Dias úteis R\$ 2,50**  
► **Domingo R\$ 4,50****Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.► **Dias úteis R\$ 3,00**  
► **Domingo R\$ 6,00****Zona IV** - Demais Estados► **Dias úteis R\$ 4,50**  
► **Domingo R\$ 9,00****Zona V** - Macapá► **Dias úteis R\$ 3,00**  
► **Domingo R\$ 6,00****Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: <b>3216-1138</b>
Assinaturas: <b>3204-6000</b>
Atendimento ao Assinante: <b>3216-1011</b>
Classificados: <b>3277-9200</b>
Comercial: <b>3216-1163 e 3216-1176</b>

**joséseráfico****Quinto dos infernos**

São recorrentes as reclamações contra a suposta carga tributária elevada e falta de competitividade brasileiras. No entendimento de boa parte dos analistas e empresários, esses seriam entraves ao desenvolvimento - como eles o veem.

Dessa mesma direção é frequente o desdém pelo problema da redistribuição da riqueza produzida por todos - empresários, trabalhadores e governo. O que lhes importa é aumentar seus lucros e impostos, ainda que para isso seja necessário manter trabalho escravo, sonegar impostos, promover e aproveitar a mais ampla corrupção, aprofundar as desigualdades. Já nem se fale dos sempre reivindicados incentivos, isenções e subsídios.

Os números, com o fetiche que se constituem para certo tipo de analista, parecem não ter qualquer significado quando ofendem seus interesses e ameaçam abrir séria e isenta discussão. No entanto, à classificação do País como a 5ª economia do mundo opõe-se à vergonhosa posição no ranque do desenvolvimento humano; à alegada exorbitância tributária correspondem índices agressivos de remessa de lucros para o exterior; a suposta falta de competitividade esbarra na decisão de maiores investimentos.

É disso que nos dá conta artigo de Pedro Kutney, publicado na revista Automotive Business.

Quase chegam a ser espantosas as cifras reveladas pelo jornalista, só não alcançando essa condição pelo que conhecemos da iniquidade reinante e do quanto dela se aproveitam os mais espertos. Em geral, os mais empenhados em desenhar quadro de dificuldades e de estorvos para seus negócios, sem-

**O que deve ser colocado em discussão é a validade de um sistema que enriquece os ricos, empobrecendo ainda mais os mais pobres.**

pre no afã de obter favores e vantagens ainda maiores. Em linguagem objetiva: chantagens.

No texto, lê-se que em 2011 os lucros enviados ao exterior pelas montadoras de veículos automotores atingiu a assombrosa soma de US\$ 5,58 bilhões. Esse valor supera o enviado a cada ano, anteriormente, às suas matrizes. Em 2010, as remessas foram 36% menores.

Quando os negócios não vão bem nos países centrais onde se localizam as sedes das montadoras, o consumidor brasileiro se encarrega de compensar as dificuldades. Mais uma vez, constata-se o papel secundário destinado às nações mais pobres, inclusive as emergentes. Mesmo sendo considerada uma das maiores economias do Mundo, o Brasil concorre para manter bem fornidos os cofres da metrópole. Persiste, assim, a relação colonial, tantas vezes condenada por Leonel Brizola.

Se nos interessa fazer algumas comparações e delas tirar conclusões que mereçam algum respeito, oportuno é conhecer quanto cresceu a produção de veículos no País. Pois bem: o aumento da produção atingiu apenas 0,7%. Não se pode atribuir à ignorância, nem ao despreparo intelectual o desinteresse por compreender esse fenômeno. Importa pouco dar-lhe o nome que se queira dar, chame-se a isso de colonialismo, voracidade, capitalismo, imperialismo ou seja o que for.

O que deve ser colocado em discussão é a validade de um sistema

que enriquece os ricos, empobrecendo ainda mais os mais pobres.

Mas não é só esse o aspecto relevante nessa tragédia. Há outro, diretamente ligado às reclamações do setor produtivo.

Mesmo remetidos lucros na casa dos bilhões às matrizes, os investimentos anunciados para 2012 mostram a leviandade (para dizer o menos) dos ataques à suposta tributação elevada e à falta de competitividade. Fosse diferente, não seriam anunciados investimentos de US\$ 26 bilhões, nos próximos cinco anos. Com essa dinheirama, serão construídas oito novas fábricas e aumentada a capacidade de 18 outras unidades produtivas.

Nem os bancos e as telefônicas, com toda a rapinagem que praticam, remeteram tanto dinheiro para o exterior.

Pior que tudo, os balanços publicados no Brasil não oferecem informações que permitam conhecer a situação real. Os produtores defendem-se, afirmando que tais informações são publicadas nos países onde estão as matrizes. Segundo Pedro Kutney, nem lá isso ocorre.

Acerta na mosca o jornalista, quando afirma que, por mais alprado que seja o raciocínio, custo-Brasil e lucro-Brasil são irmãos siameses: andam grudados, um puxando o outro, sempre na mesma direção - para cima no preço dos carros.

É quase certo que Kutney leu trabalhos profundos sobre o assunto, Antonio Cattani (UFRGS) dentre eles.

■ **José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.**

E-mail: jserafico@uol.com.br

jbosco@oliberal.com.br

**ALEGORIA DE MÃO****rui raiol****Sexo de papel**

O sexo de papel é uma grande ilusão na sociedade brasileira.

Sem deixar de considerar que esse comportamento ganha o mundo, sobretudo em sua face ocidental, vamos refletir sobre a nossa realidade. Vivemos uma verdadeira indústria do sexo. Para onde viramos o rosto, lá está um certo apelo erótico. Papel. Sexo. Sexo de papel. É como se todo mundo estivesse interessado no assunto, a qualquer hora, em qualquer lugar.

Compras no shopping: o sexo de papel está nas paredes das lojas, nos anúncios, nas embalagens. Uma paradinha na banca de revista: ali quase todo o papel virou sexo, e o sexo virou papel. O mundo da propaganda é viciado nesse tipo de sexo. Se vamos à padaria, o sexo de papel é a mercadoria das vendas de impulso, aquelas das estantes junto aos caixas. Assim também no supermercado, nos magazines, farmácias. Estamos sendo assediados, violentados em nosso direito de liberdade. Alguns não resistem: uma olhadinha no pão, outra no sexo. De papel.

A indústria do sexo de papel é rica. Riquíssima. Está articulada com a televisão, internet e com a mídia impressa em geral. Quase nada escapa de sua produção. Ela imprime o que a tela mostra, seja em contrato já discutido, seja na oportunidade que surja do anonimato. Em todos os ramos existe retroalimentação. Sendo

**A ilusão do sexo de papel acontece também porque nem sempre se vê a realidade. Sem falar das cirurgias estéticas, o sexo de papel é algo muito manipulado.**

sexo, vira papel. Porção significativa do povo brasileiro se alimenta dessa matéria. Celulose visual. Ilusão.

O sexo de papel é ilusório, pelo menos por vários motivos. Primeiro, ele faz algumas pessoas "possuírem" o que não é seu. Dia desses, em um supermercado, deparei-me com a seguinte manchete, nome fictício: "Maria mostra toda a sua boa forma!". Tratava-se de uma apresentadora de televisão, mãe de filhos, casada etc. Parei diante daquele apelo erótico e perguntei-me: "O que eu tenho a ver com isso? Ela deve tirar a roupa para o marido dela, e não para mim!" Mas, se eu não fizesse uma leitura crítica, daqui a pouco iria pôr a revista na cesta, acreditando que a musa da TV agora era minha. Bobagem! Sexo de papel.

A ilusão do sexo de papel acontece também porque nem sempre se vê a realidade. Sem falar das cirurgias estéticas, o sexo de papel é algo muito manipulado. Programas de tratamento de imagem, tipo Photoshop, têm o poder de tornar belo o que, para alguns, causaria pavor. Contudo, a perfeição ilusória pode tornar-se referência, padrão de homem e mulher, padrão sexual. Nesse momento,

a sociedade não tem apenas um sexo de papel. Seu pensamento também é algo fora da realidade. Pensamento e sexo de papel.

Diante da proclamada superioridade do gênero humano, o que se esperar de uma sociedade evoluída, em termos de sexo? No mínimo, um comportamento que supere a subclassificada irracionalidade animal. Espera-se que, pelo poder de reflexão exercitada durante milênios, as pessoas consigam mensurar cada coisa da vida, a começar pelas funções de seu próprio corpo. O que é o sexo? Por que temos essa função? Para que serve? Uma sociedade evoluída há de ultrapassar a idade do sexo de papel. Primitivo. Retrógrado. Anulador de pensamentos. Usurpador, que nos faz pensar o que não é nossa cognição. E pensamento alheio é ótima matéria-prima. Matéria para nos fazer pensar. Refletir. Pesquisar e repensar nossas próprias ideias.

Os animais dito inferiores vivem muito bem, obrigado, sem sexo de papel. Vivem o sexo em sua plenitude. Real. Verdadeiro. Original, conforme acreditamos nós, criacionistas. Pois, no princípio, criou Deus macho e fêmea. Sexo de verdade. Monogâmico. Santificado. Inteligente.

Fora, sexo de papel!

■ **Rui Raiol é escritor.**

(www.rui Raiol.com.br)

**Salto para um futuro melhor****MURILLO DE ARAGÃO**

Retorno de um giro de palestras por Estados Unidos e Europa, onde aproveitei para explicar o momento brasileiro e recolher impressões. E a mais marcante das impressões é a de que 2012 acontece em alta velocidade. Nem bem começamos o ano e as expectativas já flutuam e apresentam mudanças.

Por exemplo, os Estados Unidos apontam na direção de uma modesta recuperação. Mais empregos estão sendo criados e o consumidor está um pouco mais otimista. A imensa dívida continua sendo o problema, mas, mesmo quando foram rebaixados pelas agências de rating, os *bonds* americanos foram os mais procurados.

De certa forma, existe a crença de que os Estados Unidos vão saber lidar com a própria dívida. A mesma certeza não existe com relação à Europa. O simples rebaixamento de alguns países na Zona do Euro trouxe sombrias expectativas para o continente.

Ouvi de um economista do Banco Mundial que, para se salvar, a Europa terá que imprimir dinheiro como se não houvesse amanhã. De um *insider* nos meandros de Bruxelas, ouvi a pérola de que - apesar de toda a crise - foi muito bom descobrir nossas (as deles) fragilidades!

Com relação à China, que preocupa os brasileiros por causa de nossas exportações, existe o temor de que um *hard landing* possa jogar a economia mundial no buraco.

No entanto, um dos mais proeminentes operadores de *equities* na Ásia me assegurou que a situação chinesa não piorará de forma trágica, como muitos pensam. Mesmo com várias contradições e um sensível desaquecimento, a China vai continuar a crescer.

Olhando o Brasil de fora, temos um retrato bastante positivo. E o que mais se destaca agora é a confluência de expectativas positivas de brasileiros e estrangeiros sobre o futuro imediato do país.

Enquanto isso, na Europa, o desânimo e o pessimismo são a tônica. Infelizmente, as políticas de austeridade e restrição fiscal tendem a piorar o moral do europeu.

Um ponto positivo neste momento é que a maioria dos economistas ganhadores de prêmios Nobel, consultados pela Newsweek, não crê no fim do euro e acredita que a governança financeira será melhor, o que aponta para uma saída para a Europa. O que se discute é o tamanho da dor que os europeus terão que sofrer.

Para o Brasil, a crise na Europa e as incertezas da China são um alerta mais do que oportuno. Atravessamos as turbulências do mercado com alguma tranquilidade porque desde 1994 estamos aperfeiçoando nossos fundamentos.

Combinando melhores fundamentos com regras fiscais e melhor governança monetária e cambial, temos podido usufruir benesses do mundo pré-crise. E construímos uma base de credibilidade.

Lula destapou o mercado interno combinando as vantagens da estabilidade econômica com maiores gastos sociais, ganhos reais no salário mínimo e controle da inflação. O resultado foi a geração de emprego e a redução da desigualdade.

Caso Palocci tivesse sobrevivido ao primeiro mandato, o Brasil teria evoluído ainda mais. Principalmente no que se refere ao ambiente de investimento. Porém, Mantega fez e faz um bom trabalho. Surpreendeu com as políticas anticíclicas pós-crise e se consolidou como um dos ministros da Fazenda mais longevos de nossa história.

Olhando a crise no mundo, devemos trabalhar em alguns aspectos internos para expandir nossos horizontes e consolidar o bom momento.

O temário é simples de ser identificado e complexo de ser trabalhado: inovação, competitividade, transparência e redução da burocracia. Bem trabalhados, todos esses itens resultarão em um país com menos corrupção, melhor gasto público, mais investimentos privados e criação de produtos inovadores. Assim, um salto seguro para um futuro melhor.

■ **Murillo de Aragão é cientista político.**